



Helicópteros Mi-24 teriam invadido o espaço aéreo russo e disparado mísseis contra depósito de combustível, a 40km da fronteira. Kiev não confirma nem nega a suposta ofensiva. Forças de Moscou perdem o controle de Irpin e de Bucha

Rússia acusa Ucrânia de atacar seu território

» RODRIGO CRAVEIRO

A guerra no Leste da Europa ganhou ontem um contorno ainda mais perigoso. A Rússia acusou a Ucrânia de atacar, com helicópteros, um depósito de combustível dentro do território russo, na cidade de Belgorod — a 40km da fronteira entre os dois países. Vyacheslav Gladkov, governador de Belgorod, denunciou que dois helicópteros ucranianos Mi-24 invadiram o espaço aéreo russo a uma altitude “extremamente baixa” e “lançaram um ataque de mísseis contra uma instalação civil de armazenamento de petróleo”. “O depósito nada tem a ver com as Forças Armadas russas”, destacou Gladkov.

A resposta da Ucrânia foi evasiva. O chanceler ucraniano, Dmytro Kuleba, declarou que não poderia confirmar nem negar as informações, mas reconheceu que o suposto ataque poderia atrapalhar as negociações entre Kiev e Moscou. Pouco depois, Oleksandr Motuzanyk, porta-voz do Ministério da Defesa, fez um pronunciamento na televisão e enfatizou que “a Ucrânia está realizando uma operação defensiva contra a agressão russa ao seu território”. “Isso não significa que a Ucrânia deva ser responsável pelos erros de cálculo ou catástrofe que ocorram no território da Federação Russa. Esta não é a primeira vez que testemunhamos tais acusações. Portanto, não vou confirmar nem negar esta informação”, acrescentou.

O ataque ao depósito em Belgorod chegou a colocar em xeque as tratativas diplomáticas. “Está claro que não se pode considerar isto como algo que vai criar as condições apropriadas para a continuidade das negociações”, disse Dmitri Peskov, porta-voz do Kremlin. No entanto, Vladimir Medinski — negociador designado pelo presidente russo, Vladimir Putin — informou que o diálogo entre os países tinha sido retomado por videoconferência. Rússia

Ronald Schemidt/AFP



Blindado russo destruído é fotografado a partir de uma janela quebrada pelos bombardeios, nos arredores da capital, Kiev

» Risco de radiação em Chernobyl

A central nuclear de Chernobyl não foi danificada durante a ocupação pelos soldados russos, mas é provável que os militares tenham sido expostos à radiação, garantiram as autoridades ucranianas. O diretor-geral da Agência Internacional de Energia Atômica, Rafael Grossi, admitiu que a retirada das tropas de Moscou pode ter levado a um aumento “localizado” da radiação devido ao movimento de veículos.

e Ucrânia também realizaram uma troca de prisioneiros de guerra, entre eles 86 ucranianos (15 mulheres). Em outro desdobramento no front, as cidades de Irpin, no subúrbio de Kiev, e de Bucha foram recapturadas pela Ucrânia. No fim da noite,

Ministério de Emergências da Rússia/Divulgação



Imagem de vídeo mostra chamas em depósito de Belgorod

o Departamento de Defesa dos EUA anunciou que destinará US\$ 300 milhões (ou R\$ 1,3 bilhão) adicionais em ajuda militar à Ucrânia.

Diretor da ONG Eurasia Democracy Initiative, em Kiev, Peter Zalmanyev afirmou ao **Correio**

que a Ucrânia não confirma nem nega envolvimento no ataque ao território russo. “A Rússia qualificou o incidente como uma ‘escalada perigosa’ do conflito, o que é mais do que ridículo. A escalada se deu em 24 de fevereiro, quando as forças russas começaram

a invadir a Ucrânia e a bombardear nossas cidades. Classificar como ‘escalada’ um ataque a um depósito de combustível, sem vítimas, soa ridículo”, comentou. “Não se sabe se foi um ato russo ou ucraniano. Mas pode ter sido um pretexto de Moscou para lançar nova onda de terror.”

Por sua vez, Petro Burkovsky — analista da Fundação de Iniciativas Democráticas Ilko Kucheriv (em Kiev) — lembrou que a Rússia apresentaria, ontem, a resposta ao rascunho de paz elaborado pela Ucrânia. “Vejo esse incidente como mais uma operação especial, que tenta criar pretexto para a rejeição ao plano ucraniano”, afirmou à reportagem. Ele explicou que Belgorod está próxima à fronteira com a Ucrânia, mas também perto de Kharkiv. “O trecho de 80km que separa as duas localidades é controlado pelo Exército russo. Se este fosse um ataque ucraniano, os comandantes russos que operam no local teriam sido detidos em 24 horas. Nada disso ocorreu.”

Palavras de especialistas

Arquivo pessoal



Falta de preparo russo

Petro Burkovsky

“A velocidade da retirada russa da parte norte da Ucrânia, especialmente de Kiev e de Chernihiv, indica problemas crescentes entre os soldados e grave fadiga de guerra. Não acho que as tropas do Kremlin serão realocadas para o leste. Parece-me que o Exército russo não estava preparado para a guerra real.”

Temos muitos depoimentos de prisioneiros de guerra que disseram ter sido intimidados ou enganados para assinarem um contrato às vésperas da invasão. As tropas de elite de Moscou foram derrotadas por soldados comuns da Ucrânia, que pareciam mais bem treinados e comandados.

Analista da Fundação de Iniciativas Democráticas Ilko Kucheriv (em Kiev)

Arquivo pessoal



Informação distorcida

Peter Zalmanyev

“Os serviços de inteligência do Ocidente preveram que as forças da Ucrânia cairiam nas primeiras 96 horas de guerra e que as tropas da Rússia desfilariam pelas avenidas de Kiev. Todos se surpreenderam com a fragilidade do Exército de Putin. Acreditava-se que a Ucrânia seria uma repetição da ocupação soviética no Afeganistão.”

Veja uma combinação de falta de coordenação, de preparação e de informação no front russo. Putin apostava em uma guerra rápida, ao chamá-la de “operação especial”. Como você entra em uma guerra com um contingente tão escasso? A Ucrânia é um país de 45 milhões de pessoas, e Putin enviou 200 mil soldados. Quando a União Soviética tentou pacificar a Tchecoslováquia, em 1968, mobilizou 500 mil militares para uma nação de 9 milhões de cidadãos. Isso mostra que os russos tinham informação distorcida sobre a Ucrânia.”

Diretor da ONG Eurasia Democracy Initiative, em Kiev

"A cidade de Mariupol foi varrida da face da Terra"

Olga Antsiferova, 20 anos, definiu com uma palavra o que viu em Mariupol, cidade portuária situada no sudeste da Ucrânia, sitiada e bombardeada pelas tropas da Rússia: inferno. “Mariupol foi varrida da face da Terra. As ruas estão cheias de cadáveres e de equipamentos militares. Não existem mais casas, apenas esqueletos em ruínas chamuscados”, contou ao **Correio** a moradora, que conseguiu fugir em 24 de março passado. Ela e a mãe ficaram no apartamento, no centro de Mariupol, até o 17º dia da guerra. Os bombardeios arrancaram as janelas. “Dormíamos no corredor, em meio a um frio de 5 graus. Desde 1º de março, vivemos sem luz, água e aquecimento. Bombas lançadas de aviões

Arquivo pessoal



atingiram nossa casa três vezes. Os russos atacam civis de forma deliberada”, acrescentou a assistente de recursos humanos em uma empresa de logística.

Em 24 de março, ela, a mãe e a tia, carregando os dois cães de estimação e cinco sacolas, caminharam até a periferia de Mariupol, em um local predefinido para a retirada de civis. “Andávamos em meio aos bombardeios e a franco-atiradores. Conseguimos chegar ao destino, onde nos separamos. Minha mãe entrou em um ônibus, enquanto eu e minha tia pegamos carona em um carro. Paramos em Volodarsk, onde dormimos por duas noites em uma escola, sentadas em uma cadeira. Pude cochilar por meia hora em uma das noites”,

relatou Olga. Depois de nova parada no vilarejo de Dmitrovka, elas viajaram por oito horas no porta-malas de uma van, antes de embarcarem em um trem até Lviv. O noivo, Alexey, quis ficar em Mariupol cuidando da mãe e das avós, de 96 e de 88 anos. “Na última terça-feira, soube que ele está vivo.”

Pelo menos 100 mil civis lutam para sobreviver em Mariupol, em meio à fome e aos bombardeios. O Comitê Internacional da Cruz Vermelha (ICRC) suspendeu uma operação de resgate, marcada para ontem. “Esperamos ser capazes de ajudar mais civis a deixarem Mariupol amanhã (hoje)”, disse à reportagem Jason Straziou, porta-voz do ICRC, por e-mail. De acordo com ele, 750 integrantes da Cruz

Vermelha estão mobilizados para ajudarem na retirada.

No entanto, na noite de ontem, agências internacionais de notícias informaram que 2 mil civis chegaram Zaporizhzhia, a bordo de 42 ônibus e carros, escoltados pela Cruz Vermelha. O comboio transportava civis de Mariupol que tiveram sucesso em chegar à cidade de Berdiansk, ocupada pelos russos. A vice-primeira-ministra ucraniana, Irina Vereshchuk, confirmou a informação em um vídeo no Telegram. “Hoje, enquanto gravamos esse vídeo, 42 ônibus já estão a caminho para levar os moradores de Mariupol para um lugar seguro”, disse. “Sabemos o quanto esperam ser salvos. Cada dia tentaremos outra vez até que tenham a chance de sair da cidade e, acima de tudo, de viver em paz.” (RC)